REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

24.º Anno — XXIV Volume — N.º 803

20 DE ABRIL DE 1901

Redacção — Atelier de gravura — Administração

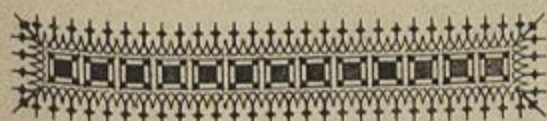
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CONGRESSO DOS NUCLEOS DA LIGA NACIONAL CONTRA A TUBERCULOSE

PROF. JOSÉ JOAQUIM DA SILVA AMADO

PRESIDENTE DO NUCLEO DE LISBOA DA LIGA NACIONAL CONTRA A TUBERCULOSE

CHRONICA OCCIDENTAL

Veio finalmente um caso...

Estivemos quasi a riscar o adverbio e a substituil-o por *felizmente*.

Não devia ser.

E' que, por muito importante que seja um assumpto, quando elle, semanas e semanas, não abandona o logar capital, por muito interesse que desperte, vem um momento em que se torna preciso dizer se: — Ora bem, por um instante falemos d'outra coisa.

O duello entre dois distinctissimos officiaes de marinha, um d'elles antigo ministro, o outro commandante ainda ha pouco d'um dos nossos modernos couraçados, veiu dar um descanço á eterna questão dos jesuitas e franciscanos, contemplativas e educadoras. O duello não teve felizmente consequencias, nem sequer ligeiras, para nenhum dos contendores. As discussões ámanhã continuarão sobre o antigo thema. Mas finalmente descançámos um bocado!

Relacionando-se com o assumpto, o que houve de mais notavel foi a grande ovação feita a El-rei sr. D. Carlos, no passado domingo, quando Sua Magestade deu entrada em seu camarote na Praça do Campo Pequeno, pouco depois da toirada haver começado. As palmas e os vivas prolongaram-se durante minutos. El-rei, muito pallido, agradecia ao publico, levando repetidas vezes a mão ao kepi. Os jornaes, conforme suas opiniões politicas, deram noticia do facto e commentaram-o por diversas fórmas.

Outra ovação maior diz-se que estava preparada no dia seguinte no Colyseu dos Recreios; mas El-rei prudentemente esquivou-se, não assistindo ao espectaculo.

O verão, que devéras está comnosco, tinha reunido n'essa tarde no Campo Pequeno alguns milhares de pessoas, umas atrahidas pelo espectaculo annunciado, outras já sabedoras do que iria passar-se. Estas foram as mais felizes. Por muito que esperassem, nunca o que uma esperança promette ficou tão para traz da realidade. Os outros sahiram com a eterna queixa sabida.

Deixal-o! Até com toiros mansos o espectaculo é bello, faz girar mais violento o sangue, anima as faces das mulheres e dá ensejo á boa piada dos homens.

Foi a primeira toirada com sol, o que quer dizer que a primeira toirada foi. Agora sim, começou o verão.

O Plantier, que é um apaixonado por tudo quanto é bello, offerece um dia d'estes aos seus amigos a festa das rosas.

E' lá na Quinta do Pombal, n'aquella encosta maravilhosa que desce de Almada para a Cova da Piedade. Por entre as vinhas, junto ás paredes, em volta da velha casa, abraçadas ás grades, por toda a parte, em renques d'um lado e outro dos caminhos, crescem as roseiras de mil variedades.

Foram convidados uns vinte poetas para todos juntos n'um mesmo livro, que será offerecido a todas as senhoras que tomarem parte na festa, collaborarem cantando as rosas e sua familia, a mãe Primavera e as irmãs, as caras bonitas.

Queira o sol e será a festa linda.

Os poetas cantaram no mez de abril, como era dever d'elles; no mez de abril tambem tivemos em Lisboa excellente musica, da que raras vezes entre nós se pode ouvir, porque uma reunião de artistas, como os que já por duas vezes se nos apresentaram no Conservatorio, é deveras rarissima.

Domingo passado, e depois na quarta feira com maior concorrencia, realisaram-se os concertos em que tomaram parte Rey Collaço ao piano, Arbós com o seu violino e Rubio com o seu violoncello, coadjuvados em alguns numeros pelos srs. Goñi, segundo rabecca, e Lamas, violeta.

Domingo proximo, ultimo concerto de musica de camara n'esta primavera.

Rubio e Arbós estiveram ha muitos annos em Lisboa, ainda antes de haverem alcançado a fama de grandes artistas, hoje universal. Por esse tempo, tambem unidos a Rey Collaço, deram alguns concertos, que ficaram famosos, em casa do Conde Daupias, então em toda a sua opulencia.

Era na maravilhosa galeria, na sala ao fundo, onde se admirava um primor de Greuze entre outros bellos quadros, que os trez artistas se juntavam. E raras vezes em Lisboa tanta bella manifestação d'arte, a um mesmo tempo poderia ser admirada. O Conde Daupias passeava contente nas suas salas vastissimas, já velho, mas sem que os annos lhe pesassem, feliz em meio de sua riqueza, caso raro, feliz d'um bocado de felicidade que dava aos outros.

Como os tempos mudaram para elle, e quem

poderia então prever o triste desenlace que, passados annos, havia de dar-se?

Entristecia olhar depois para aquelle casarão vasio, para a fabrica silenciosa, para a alta chaminé sem o seu glorioso penacho de fumo, que todas as manhãs se erguia d'antes orgulhoso, quando ainda das luxuosas galerias illuminadas sahiam os ultimos convidados.

O que é a Fortuna! Até depois que um homem a teve nas mãos e cantou victoria, como ella foge apressada, mais depressa do que chegou!

E vão lá correr atraz d'ella!

O que não quer dizer que seja tão certo como isso o dictado francez: *La fortune vient en dormant*. O que é certo é que vai a quem muito bem quer, e deixa-o quando muito bem lhe parece.

A sorte grande!... O que tanta gente sonha com ella, que afinal não desgosta da mesquinha realidade do mesmo dinheiro.

Tem agora apparecido para os lados de Alcantara um cauteleiro curioso. Sobrecasaca, colarinhos engommados, chapéo alto, bengala debaixo do braço, luvas... E vende cautellas de meio tostão, saltando aos carros como um garoto. Naturalmente todo aquelle luxo é reclamo ás loterias; foi sorte grande que lhe sahiu, e elle continua na misericordia... por um dever de gratidão.

A sorte grande!.. E' uma hypothese em que se fundam muito lindos castellos doirados. Se é no inverno, são os jantares, o camarote em S. Carlos, conforme o preço do bilhete, uma viagem a Paris; se no verão é a linda casa de campo durante pelos menos um trimestre, á beira mar, um chaletzinho, que é o que está em moda.

E vai d'ahi, o homem tem sorte, apanha o mesmo dinheiro e vai contente com a familia visitar o couraçado brazileiro, cuja estada no Tejo animou algum tanto a cidade moribunda no que diz respeito a festas e a espectaculos: passeio a Cintra e almoço na Pena, recita dedicada á officialidade do *Floriano Peixoto* e á colonia brazileira pelo emprezario Sousa Bastos, recita de homenagem no theatro de D. Maria, promovida pela Associação dos Jornalistas.

E' sempre com o maior prazer, para muitos com o maior enthusiasmo, que vemos fluctuar no azul intenso do céo de Portugal, a bandeira, que nos recorda tantos portuguezes tão hospitaleiramente recebidos no grande paiz americano nosso irmão e que, á sombra protectora d'esse pavilhão glorioso, trabalham honradamente, mais estreitando os laços por sua natureza inquebrantaveis.

Animaram-se ainda mais uma vez os theatros, que por ora não querem saber do thermometro a subir, e vão annunciando suas novidades como em pleno inverno.

No theatro da Trindade foi *O Bico do Papagaio*, famosa magica do Garrido, assignada por elle com a sua muitissima graça portugueza; no theatro D. Amelia annuncia-se para muito breve a estreia da companhia franceza, que dará umas recitas emquanto Rosas e Brazão fazem seu giro pelo Porto, principaes cidades do Minho, Coimbra e Vizeu; no Colyseu dos Recreios a companhia lyrica dá quasi todas as noites com enorme concorrencia uma peça nova; no Colyseu da rua da Palma estreiou-se muito applaudida a companhia de Affonso Taveira com a representação do *Burro do sr. Alcaide*. E' o que se chama um bom par de noticias theatraes.

E ainda sobre o assumpto: — Reuniram-se finalmente os auctores dramaticos portuguezes, afim de fundarem uma associação em que defendam seus interesses.

Ha vinte ou trinta annos que n'isto se falava como d'um sonho. Parece ter-se conseguido finalmente agora. Falta apenas uma lei de theatros que tudo regule. Será isso tão difficil de conseguir tambem, se todos continuarem demonstrando a boa vontade com que os vimos na quartafeira?

Todos lucrariam com isso, auctores, actores, emprezarios e sobretudo o theatro portuguez. Haverá quem se queixe; mas só aquelles que na provincia e no Brazil, perante leis confusas e preguiça dos auctores, ha muito, tratam como roupa de francezes o trabalho que levianamente foi confiado á sua honradez. Não são muitos e tomarão talvez juizo.

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

CONGRESSO DOS NUCLEOS DA LIGA NACIONAL CONTRA A TUBERCULOSE

No dia 11 do corrente pelas 8 horas da tarde reuniu, na sala Algarve da Sociedade de Geographia, o congresso dos nucleos da Liga Nacional Contra a Tuberculose, celebrando a sua primeira sessão.

Este congresso promovido pelo nucleo de Lisboa, teve por presidente o professor dr. Silva Amado; secretario geral dr. Miguel Bombarda; primeiro secretario dr. Antonio de Azevedo; segundo secretario, dr. Xavier da Costa; thesoureiro, dr. Manuel Caroça.

O professor dr. Silva Amado é lente ha muitos annos da cadeira de medicina legal, na Escola Medica de Lisboa. São conhecidos os seus estudos scientificos publicados em revistas de medicina e outras, e o governo tem-lhe confiado importantes commissões de que o dr. Silva Amado se tem sempre desempenhado de modo superior.

Não são menos conhecidos os trabalhos scientificos do dr Miguel Bombarda, professor de physiologia da dita Escola Medica e director do hospital de alienados, de Rilhafolles, que sob a sua direcção tem soffrido sensiveis modificações no sentido de pôr este estabelecimento a par dos melhores organisados do estrangeiro segundo os progressos da sciencia.

O dr. Antonio de Azevedo, que tem sido dos mais prestantes auxiliares da liga contra a tuberculose, é o secretario da redacção da *Medicina Contemporanea* uma das primeiras revistas scientificas senão a primeira do paiz

O dr. Xavier Costa é clinico do hospital de S. José e um notavel especialista de doenças de olhos, tendo por algum tempo substituido o dr. Gama Pinto no Instituto de Ophtalmologia.

O dr. Manuel Caroça é tambem um clinico muito distincto e que tem prestado relevantes serviços á Liga.

São consideraveis os serviços prestados pelo nucleo de Lisboa, pois que aos seus esforços e actividade se deve a creação de outros nucleos em algumas terras da provincia, concorrendo todos para o mesmo fim, o combater a tuberculose, mal terrivel que vem definhando as populações e aniquillando as raças.

Foi assim que a este congresso concorreram distinctos clinicos de algumas terras do reino onde já se organisaram tambem nucleos. De Vianna do Castello, o dr. Thiago d'Almeida, secretario geral do nucleo d'aquella cidade; o dr. A. Olympio Cagigal, secretario do nucleo de Bragança, e o dr. Antonio Gonçalves Braga, presidente do mesmo nucleo; professor dr. Candido Pinho, presidente da liga do Porto, etc.

As questões que o congresso se propoz tratar foram as seguintes:

I — 1. «Meios de activar a creação e desenvolvimento dos nucleos locaes». Severino de Santa Anna Marques.

2. «Meios de favorecer as relações dos nucleos locaes e os auxilios que reciprocamente esses nucleos se devem prestar». Antonio Olympio Cagigal.

II — 3. «Preferencia a dar aos differentes modos de propaganda». José Joaquim d'Almeida.

4. «Bases para uma conferencia typo; factos e preceitos em que se deve insistir em todas as conferencias». Bombarda.

5. «Auxiliares das conferencias; mappas graphicos, projecções; quaes e em que ordem de preferencia» Antonio de Azevedo.

6. «Desinfecção publica nas pequenas agglomerações». Guilherme Ennes.

7. «Elementos que devem constituir um mostruario ambulatorio de propaganda». Xavier da Costa.

8. Desinfecção domiciliaria em casos de tuberculose onde não haja desinfecção publica». Guilherme Ennes e Arantes Pereira.

9. «Propaganda nas escolas primarias e secundarias; processos de a realisar e interferencia dos poderes publicos». Silva Amado.

10. Ensino da hygiene nas escolas primarias, nas escolas normaes e nos seminarios». Vellado da Fonseca.

11. «Tratamento moderno da tuberculose no domicilios». Thiago d'Almeida.

12. «Isolamento pratico dos tuberculosos nos pequenos hospitaes». Alfredo Luiz Lopes.

13. «Trabalhos a emprehender para a escolha de locaes para estações de tisicos». Antonio de Padua e Amandio Paúl.

14. «Modos de remediar a ausencia no paiz, de sanatorios para tisicos; ha alguma pratica que os possa substituir?» Basilio Freire e Judice Cabral.

15. «Processos praticos para a extincção da tuberculose dos animaes domesticos». Paula Nogueira.

«16. «Contribuição das associações de soccorro mutuo na lucta contra a tuberculose». Estevão de Vasconcellos.

17. «Tuberculose infantil, sob o ponto de vista da sua prophylaxia e dos seus perigos, como o foco de propagação da doença». Salazar de Sousa.

18. Prophylaxia social pratica da tuberculose». Albino Pacheco.

19. «O bacillo da tuberculose e os antisepticos da escolha». Carlos França.

20. «Papel do medico no ponto de vista deontologico, perante os tuberculosos em domicilio». Bello Moraes.

21. «Instrucção pratica e obrigações dos enfermeiros dos hospitaes, em relação á tuberculose». Clemente Pinto.

22. «Hygiene da primeira infancia». Amelia Cardia.

23. «Papel da imprensa periodica na lucta contra a tuberculose». Eusebio Leão.

24. «Acção dos municipios na lucta contra a tuberculose». Ricardo Jorge.

As sessões do congresso duraram até ao dia 13 tendo reunido de dia e á noite, discursando sobre as questões apresentadas, alem dos congressistas já indicados os srs. dr. D. Antonio de Lencastre, dr. Daniel de Mattos, dr. Vellado da Fonseca, etc.

E a tuberculose um mal terrivel que convem combater por todos os modos ao alcance da sciencia, mas ainda mais ao alcance dos governos. De todas as questões que a este proposito se debateram no congresso, bem se pode considerar que uma sobre todas prevaleceu e foi a indicada sob o n.º 18: *Prophylaxia social pratica da tuberculose.*

Foi sobre esta questão que o sr. dr. Albino Pacheco apresentou as seguintes conclusões:

«Garantia de repouso e subsistencia a toda a mulher gravida nos ultimos tres mezes da gestação; a ella e á criança durante a lactação; e á criança até que tenha adquirido uma profissão sufficiente. Para isso, impôr o encargo de alimentos a todo o individuo que se prove ter tido relações com a mulher na epoca da concepção, ou mesmo a mais do que um que á prova envolva, sem que isso implique de modo algum o reconhecimento de paternidade »

«Para os casos em que não possa utilisar-se este meio, ou por falta de prova ou por ella recahir sobre indigentes, crear *subsidios de gestação* analogos aos subsidios de lactação pagos pelas misericordias e pelos municipios; fundar e desenvolver maternidades e créches nos principaes centros, sobretudo nos grandes fócos industriaes, assim como *sociedades de patrocinio* para as crianças e adolescentes predispostos. Lançar sobre os celibatarios e sobre os conjuges estereis um imposto exclusivamente destinado a essa obra.»

«Fomentar a hygiene nas escolas, não só pelo que respeita ás installações, mas ainda em relação aos trabalhos dos alumnos.»

«Estabelecer a fiscalisação sanitaria nas officinas, nos armazens e nas fabricas, e a regulamentação effectiva do trabalho das mulheres e dos menores.»

«Crear e desenvolver em larga escala caixas de soccorros por invalidez.»

«Reclamar do estado os mais rigorosos cuidados hygienicos no exercito e na armada, sobretudo com recrutas recentemente alistados.»

«Solicitar o desenvolvimento de toda a hygiene urbana e rural, encarecendo em especial:

«A intervenção das auctoridades sanitarias na hygiene das novas construcções;

«A fiscalisação sanitaria das habitações, no sentido de obrigar os proprietarios aos reparos indispensaveis e de prescrever os alojamentos subterraneos ou de algum modo insalubres, affixando placas identicas ás dos seguros contra incendios, para marcar os que sejam condemnados pela inspecção technica;

«Estabelecer analogas medidas em relação aos estabelecimentos e repartições publicas, casas de espectaculo e de reunião, hoteis, etc.;

«Construcção de bairros operarios e habitações

baratas para as classes menos abastadas, assim como balnearios publicos;

«Aperfeiçoamento de serviços de policia hygienica sobre todos os generos de consumo;

«Reclamar a diminuição de impostos sobre os generos de primeira necessidade e contrariar por todos os meios as tendencias monopolisadoras de algumas classes de fornecedores.»

«Desenvolvimento das cozinhas economicas.»

«Combater a despopulação rural e a accumulação urbana.»

«Preparar pela propaganda a reforma de alguns costumes, particularmente em relação:

«A' escolha de profissão pelos individuos predispostos;

«Ao habito de escarrar no chão, insinuando o uso de escarrador portatil a todas as pessoas, tuberculosas ou não, que tenham expectoração habitual abundante;

«Ao uso do beijo por cumprimento;

«Educar o espirito publico na aversão ao casamento de tuberculosos.»

Como se vê ha muito a colher d'estas conclusões no que possam ter de praticas, na reforma de costumes, no que compete ás auctoridades fiscalisar, e na protecção que os governos possam dispensar ás classes póbres.

E, a nosso vêr, esta a questão magna, mas nem por isso ella deixou de levantar largas controversias na discussão, chegando alguns dos congressistas horrorisados a taxal-a de politica.

A que descredito chegou a politica entre nós á força de se fazer politiquice. Boa politica é bem administrar e bem governar, mas como não se faz nem uma nem outra coisa, deixou de haver politica para haver arranjos ou politiquice. E' d'isto que muitos espiritos se horrorisam e com razão, e eis porque no seio do congresso alguns medicos considerando que effectivamente as conclusões apresentadas pelo dr. Albino Pacheco envolviam politica, declararam não querer a politica na classe medica!

Teem razão.

Não seremos nós que combateremos a creação de muitos hospitaes e sanatorios para os milhares de tuberculosos que infelizmente abundam por esse mundo, entretanto sempre emittiremos nossa humilde opinião sobre o assumpto e vem a ser a de reunir aos esforços que a sciencia faz para curar aquelles desgraçados, os meios racionaes de evitar as causas que determinam o mal.

Para esse fim não esperemos tudo dos governos a quem n'este paiz a politiquice (note que não lhe chamamos politica) tolhe muita vez a acção.

Criou-se no paiz, por iniciativa de uma caridosa rainha, que ficará lendaria na historia como outras suas predecessoras, uma grande commissão ou liga contra a tuberculose, e para isso solicitaram-se donativos concorrendo todos mais ou menos com o seu obulo, o que permittiu constituir um certo capital com que se pretende fundar e custear estabelecimentos onde se curem ou tratem tuberculosos.

Os nossos mais sinceros louvores a tão altruista iniciativa, mas não basta para o triumpho d'esta santa cruzada o curar só dos effeitos do mal, é preciso mais; é preciso atacal-o na sua origem, evitar quanto possivel, sequer, o seu apparecimento, e se n'isso se dispender o melhor d'esse capital, se se dispender mesmo todo, para pouco mais de resto será preciso porque terá desapparecido o mal que se pretende curar.

O canhão monstro que vomita a morte quando explue a metralha mortifera, é inoffensivo e impotente quando não tem polvora.

As conclusões do dr. Albino Pacheco conduzem a questão a este termo e se ousassemos acrescentar-lhes algum alvitre lembrariamos ainda, quanto seria proveitoso que alem de maior desenvolvimento das cosinhas economicas, se se estabelecessem cooperativas de consumo dos generos alimenticios de primeira necessidade para o povo se abastecer em melhores condições hygienicas e economicas, sem ser envenenado e roubado pelos commerciantes do genero.

Mas que vamos nós dizer! Lá vem a politica, digo, politiquice, e nada se póde fazer porque os taes commerciantes pagam decima e teem, sobretudo, voto! O adoravel voto, cofre de Pandora que a politiquice embala no seu regaço com entranhado amor.

Na impossibilidade de acompanharmos o congresso em suas sessões e devidamente apreciarmos as discussões dos illustres membros que n'elle tomaram parte, sendo certo que muitas das questões ficaram por discutir, remateremos esta noticia com as propostas apresentadas pela mesa e approvadas por acclamação.

1.º — O congresso exprime o voto de que os poderes publicos facilitem o barateamento dos alimentos de 1.ª necessidade e, primeiro de todos, o da carne.

2.º — O congresso exprime o voto de que o governo estabeleça uma fiscalisação effectiva de generos alimenticios no ponto de vista da sua sophisticação, dando em Lisboa maior desenvolvimento aos serviços do laboratorio municipal de hygiene, sobretudo pela creação de agentes especiaes não medicos encarregados da fiscalisação, e nas outras cidades melhorando, no que for possivel, os serviços correspondentes.

3.º — O congresso exprime o voto de que o governo faça entrar em prompta execução o regulamento que se refere ao trabalho dos menores e das mulheres na industria, depois de devidamente simplificado.

4.º — O congresso: considerando quanto é necessario conhecer de uma maneira exacta a mortalidade pela tisica em Portugal, e considerando que só nas cidades se poderão, por agora obter elementos de elucidação, resolve encarregar o nucleo portuense da Liga Nacional contra a Tuberculose de estudar a questão e de levantar os quadros da mortalidade pela tuberculose nas differentes cidades do paiz.

5.º — O congresso, considerando que a tuberculose mesenterica resulta de uma infecção pelo intestino, e considerando que é necessario que essa propaganda efficaz se estribe em dados positivos, resolve encarregar a Liga Nacional de Coimbra de proceder a um inquerito rigoroso sobre as relações que possa haver entre aquella doença e a alimentação, particularmente a alimentação lactea nos seus varios modos.

6.º — O congresso resolve encarregar o nucleo da Guarda do inquerito sobre as condições climatericas das differentes localidades do paiz, que pareçam proprias para estação de tisicos.

7.º — O congresso resolve encarregar o nucleo de Portalegre da redacção d'um manual para uso dos enfermeiros.

8.º — O congresso resolve encarregar o nucleo de Vianna do Castello da redacção d'um manual de hygiene para as escolas primarias.

9.º — O congresso resolve encarregar o nucleo de Bragança da redacção d'um manual de hygiene para as escolas secundarias.

O TUMULO DO VISCONDE DE VALMOR

Apresentamos hoje a nossos leitores a reproducção do projecto para o tumulo do fallecido visconde de Valmór, projecto do architecto sr. Alvaro Machado, que obteve a primeira classificação, no concurso aberto entre os architectos portuguezes, pelo *Gremio Artistico*.

Como se sabe, foi o *Gremio Artistico* que, em homenagem ao fallecido visconde de Valmór, que tanto protejeu em vida as artes portuguezas e d'ellas se lembrou em suas ultimas disposições, tomou a iniciativa, em nome dos artistas portuguezes para dar publico testemunho de gratidão á memoria do illustre fallecido.

A discripção do projecto, approvado encontram'ol-a na «A Construcção Moderna» d'onde a transcrevemos com a devida venia:

«É constituido este projecto por dois alçados: principal e lateral, de dois córtes, longitudinal e transversal; uma planta; projecção horisontal do tumulo, e tres dos varios detalhes que compõem o projecto.

A planta é essencialmente constituida por duas pequenas naves de egual comprimento que interceptando-se em angulo recto dão ao conjuncto uma disposição crucifórme.

Nos topos do braço da cruz existem respectivamente: a entrada, o altar, e os tumulos destinados aos viscondes de Valmór.

O accesso ao tumulo é dado por uma pequena escada de oito degraus e uma porta apropriadamente decorada, constituida por ferro laminado e grossas laminas de crystal.

No topo opposto á entrada e sobrepujan lo o altar será collocada uma imagem do Crucificado, sendo esta uma das cinco peças de esculptura que constituem a parte esculptural do monumento.

O chão, fustes, capiteis e bases das columnas, e pontas de diamantes decorativas, serão de marmores nacionaes de varias côres especificados no respectivo caderno de encargos.

Os supedaneos para assentamento das duas urnas, existentes nos dois topos da nave transversal, bem como as restantes peças de cantaria do monumento, serão construidas de marmore lioz de Pero Pinheiro de primeira qualidade e primeira escolha.

Como se vê pelos cortes do projecto, o crusamento das duas naves determinou o arranjo central do monumento permittindo-lhe a passagem da figura quadrada para a circular, geratriz ou base da abobada central do mesmo.

Essa base ou cornija interior tem alem das molduras que a caracterisam pequenos motivos ornamentaes constituidos por pontas de diamantes de marmore de côr.

Os tympanos do quatro penditivos serão preenchidos com pintura a oleo intencionada pela decoração bysantina. As faces internas das naves serão tambem decoradas com pintura a oleo, constituindo fundamentalmente a composição allegorias conformes com o assumpto, obedecendo, claro está, á mesma unidade e estylo da pintura dos pinditivos.

Externamente o monumento reproduz a contextura interior devidamente modificada e applicada de fórma a dar a linha e aspecto geral que se observa nos alçados e prespectiva do presente projecto.

Como pontos fundamentaes da decoração escolheram-se os angulos reintrantns da base.

São estes angulos constituidos por agrupamentos de motivos architectonicos resaltados, orientados segundo as bisectrizes dos respectivos angulos, e todos elles fundamentalmente decorados por quatro estatuas.

Para o aspecto geral do monumento contou-se na elaboração do projecto com a disposição especial de leitos e junctas, de fórma a desmonotonisar as grandes superficies lisas; foi esta disposição a mais laboriosa do projecto, visto que havendo peças que simultaneamente pertencem á face interna e externa do monumento careciam de ser tratadas por fórma que satisfizessem aos indispensaveis requisitos estheticos que tal disposição impunha.

A observação detalhada das referidas peças dispensa emquanto á intenção artistica que presidiu á sua elaboração, mais detalhada discripção.

N'esta conformidade e em vista da deficiencia de espaço de que dispômos, limitamos por aqui a breve nota discriptiva do monumento cujo projecto hoje publicâmos».

O projecto assim como a direcção technica d'esta obra é como acima dissemos do sr. Alvaro Machado que gratuitamente se encarregou de tudo.

Os modelos das esculpturas e outras ornamentações são tambem gratuitamente feitas por artistas nacionaes.

A construcção da obra foi adjudicada em concurso por 24:900$000 réis ao sr. Antonio Moreira Rato & Filhos.

O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa

(Continuado do numero antecedente)

1890-1891

Em 10 de abril, no theatro da Rua dos Condes, em beneficio do asylo de Santa Eulalia, cantaram Bulicioff, Leonardi e Theodorini; a primeira cantou a *styrienne* da opera *Mignon*, o *Printemps*, de Gounod, e umas *peteneras* com uma quadra sua em portuguez; a segunda a *Ave Maria*, de Suzzi, e a aria de *Dolores*, de Manzacchi; a terceira a lenda *Por bem*, de M. Mancinelli. Representou-se *José Palonso*, farça em portuguez, de Gervasio Lobato, João da Camara e Lopes de Mendonça, por Theodorini, Amelia da Silveira, Jesuina, Taborda, Valle, João Rosa, Mello e Dias.

Em 13 de abril, no salão da Trindade, em um concerto da Real Academia de Amadores de Musica, cantou Theodorini, em despedida, *Aime-moi*, mazurka de Chopin, a *siguidilha* da opera *Carmen*, de Bizet, *Les Papillons*, de Tosti; *Por bem*, de Marino Mancinelli, e a *Paloma*. Tocaram rebeca Victor Hussla e Elvira Peixoto, harpa Maria Domingas de Sousa Coutinho, piano Alda Peixoto, violoncello Agostinho Franco. Fez os acompanhamentos ao piano o maestro Sarti.

Nos mezes de abril e maio houve, no salão de baixo do theatro de S. Carlos, concertos de musica classica, por Victor Hussla, violino, Rey Colliço, piano, Filippe Duarte, violino, Alfredo Gazul, violeta, Cunha e Silva, violoncello.

Em 4 de junho de 1891, falleceu o estimado maestro Angelo Frondoni, de cujos merecimentos já fallámos em um trabalho anterior; de um caracter excentrico e sympathico, de uma franqueza extremamente rude, tinha ao mesmo tempo im-

O Real Theatro de S. Carlos

mensa paciencia para ensaiar artistas ou amadores, ainda os mais ignorantes; era incapaz de elogiar o que achava mau ou vice-versa; foi, por certo, esta apreciavel qualidade, ou virtude, de não mentir, que lhe permittiu dizer á hora da morte, a sua filha, que terminava a vida com o sentimento de satisfação, pelo modo porque tinha vivido.

No mez de junho fez no theatro de S. Carlos o lente José Julio Rodrigues, conferencias sobre os Açores e Madeira, acompanhando-as com projecções por meio de luz electrica, sendo a entrada franca ao publico.

Contava o theatro uma pleiade de bons artistas alguns já aqui ouvidos, como Tamagno, Theodorini, Bulicioff, Menotti, dos quaes já fallámos.

Helena Theodorini, que na segunda epocha tinha desmerecido do publico lisbonense, obteve neste terceiro periodo, de 1890-1891, um grande successo. Cantou, pela primeira vez, a parte de dama ligeira no *Crispino e la Comare*, de Ricci, com extrema correcção e muita graça, revelando assim ao publico do theatro de S. Carlos, uma nova face do seu talento. Teve ovações estrepitosas nesta opera.

Como cantores novos para Lisboa merecem especial menção, o tenor Gabrielesco com uma bellissima voz, e cantor de merecimento, com vasto reportorio, e que de dia para dia manifestava progressos artisticos; a dama Leonardi, muito formosa e esbelta, com bonita voz de soprano, e alma no canto; o barytono Devriés, cantor correcto da escola franceza, e o baixo Ercolani, com voz tremula, mas artista consciencioso.

Reappareceu nesta epocha, na opera *Linda di Chamounix*, de Donizetti, a já conhecida cantora Laura Harris, que havia, com grande applauso, cantado no theatro de S. Carlos nas epochas de 1870 a 1872, e que depois se havia desposado com um hebreu, seu correligionario.

EMMA LEONARDI

O tempo porém tinha feito grandes estragos na voz da cantora israelita, que apenas entrou em uma recita, em 22 de novembro de 1890. Voz estragada e desafinada; a antiga, extraordinaria e perfeita, agilidade convertera-se em incorrecta execução; o gesto semsabor e a acção desastrada e caricata; no 3.º acto da opera cantou Harris a valsa de Venzano. O publico que a principio estivera apenas inquieto e buliçoso, rompeu por fim, em medonho charivari.

N'esta mesma noite houve tambem uma grande manifestação de desagrado contra o maestro Back, ao qual foi por isso rescendida a escriptura.

N'esta epocha rebentou em Portugal uma multipla crise. Havia muitos annos que o estado gastava mais do que recebia; apesar das receitas augmentarem sempre desde 1852, comtudo o augmento de despezas ia sempre em um maior *crescendo;* como consequencia, um *deficit* annual permanente, que ia cada vez sendo mais gordo, obrigava os governos, que não queriam deixar de pagar os vencimentos dos funccionarios, as despezas com materiaes, e o juro da divida publica, a contrair constantemente emprestimos, para saldar o *deficit*, augmentando progressivamente por esta fórma a divida publica, sem equilibrar as finanças; o resultado foi uma crise financeira aggravando-se de dia para dia.

Por multiplas e variadas circumstancias, quasi todos os annos os valores da importação excederam os da exportação.

Em Portugal a industria é, em geral, pouco desenvolvida; as materias primas, tendo na frente o ferro e o carvão, são de proveniencia estrangeira, bem como grande numero de machinas e utensilios necessarios para as industrias do paiz. O meio portuguez muito facil e apto para imitar os estrangeiros, é de si pouco inventivo; é de manifesta e vulgar prova, por todos os lados, e por toda a parte, em

GREGORIO GABRIELESCO

ANGELO FRONDONI

milhares de cousas, a mania de copiar o que se faz no estrangeiro, especialmente em França; d'aqui resulta a importação de milhares de artigos, por necessidade, por moda, por gosto e por habito, e por toleima.

Por outro lado, apesar de se ter repetido, á saciedade, que Portugal é um paiz agricola, o facto é que, desde longo tempo, na maior parte dos annos a colheita dos cereaes não chega para consumo do paiz, sendo preciso importar do estrangeiro, especialmente dos Estados Unidos, da Russia e outros paizes do oriente, cereaes e farinhas, o que representa alguns milhares de contos de despeza, ou saida de dinheiro. Além d'isso as doenças das vinhas, o mau fabrico ou adulteração dos vinhos, teem prejudicado gravemente o commercio exterior dos vinhos.

Resultou d'estas, e de outras circumstancias menos importantes, que Portugal teve, quasi sempre, que pagar mais do que recebeu; a consequencia foi um *deficit* no movimento commercial, e portanto uma crise economica, que se aggravou constantemente, tomando caracter mais ou menos agudo, conforme os invernos, com os seus vendavaes e innundações, mais ou menos prejudicaram as novidades agricolas annuaes.

Se o estado recorria ao ouro estrangeiro, contraindo emprestimos em Inglaterra, França ou Allemanha, para pagar o excesso das suas despezas, o commercio recorria ao dinheiro do Brazil para saldar o *deficit* economico. Ainda n'esta epocha não tinha tomado o incremento, que tomou depois, o movimento de exploração commercial de Portugal com a Africa.

As terras de Santa Cruz, teem tido ha muitos annos, o condão de attrair os habitantes do norte de Portugal que, desprovidos de fortuna, para ali emigram á procura do que não encontram na mãe patria; contam-se por milhares os individuos que todos os annos teem ido tentar, além do oceano, haver, por meio do trabalho, recursos para viverem desafogados no fim da sua vida. Muitos sucumbem; muitos por lá ficam; porém, se são raros os que voltam com grandes riquezas, que se tornam afamados, não poucos tem voltado com fortunas maiores ou menores, ou apenas remediados; em todo o caso, a maior parte, que conseguiu obter alguns bens, que lhe assegurem a vida independente, trata de regressar de todo á patria, liquidando e transferindo para Portugal os seus capitaes; e d'aquelles que não podem liquidar tão depressa os seus capitaes, muitos não querem esperar, e voltam a este paiz, deixando lá os bens, cujos rendimentos transferem para cá; de modo que capitaes e rendimentos, transferidos para Portugal, teem sido uma das fontes não só para occorrer ao desequilibrio economico, mas tambem para alimentar a constituição de bancos e companhias, as artes da construcção de casas, e em geral o movimento commercial e industrial, tanto em Lisboa como nas provincias.

A revolução do Brazil, de 1889, que estabeleceu a republica no vasto territorio, outr'ora colonia portugueza, seguida pela febre de syndicatos e especulações, trouxe grandes perturbações ao regimen economico d'aquelle grande paiz, e, por consequencia, foi fatal ás relações commerciaes e financeiras em Portugal, sendo a grande baixa que se produziu no cambio de um effeito desastroso sobre este paiz; as remessas de ouro diminuiram consideravelmente, de modo que tendo que se fazer com ouro de Portugal os pagamentos no estrangeiro, começou este *vil*, ou *excelso*, metal a ter agio, e portanto as libras esterlinas, a que no anno do *ultimatum inglez* (1890) os portuguezes chamaram *piratas*, começaram a subir de valor e a retrairem-se, e como consequencia veio a crise monetaria; o Banco de Portugal deixou de pagar as notas de ouro, e, como consequencia, estabelecendo-se o panico no publico, este correu a trocar notas por prata, de modo que, ainda não eram decorridos tres dias, já o governo auctorisava o Banco a não trocar notas, nem ouro nem em prata!

A subida do cambio sobre Paris e Londres, e mais praças da Europa, fez immediatamente diminuir o commercio de importação, e portanto diminuiu a receita das alfandegas. O estado com menor receita, e com difficuldade de realisar emprestimos, fez reducções nos vencimentos dos funccionarios e nos juros de divida; como consequencias immediatas de todas estas cousas, o commercio exterior e interior diminuiu; a paralisação do commercio foi seguida da diminuição fabril; donde resultou uma crise industrial e de trabalho; estas coisas, influindo-se todas reciprocamen-

TUMULO DO VISCONDE DE VALMOR — Projecto do architecto sr. Alvaro Machado

te, aggravaram-se umas ás outras; de modo que o systema detestavel de politica e administração dos governos que têem estado á testa dos negocios de Portugal n'este meio seculo, apertado pelas circumstancias politicas, financeiras e sociaes, que apontámos, e pelo estado geral da Europa, deu-nos no anno da graça de 1891 uma multipla crise financeira, economica, monetaria, commercial e industrial!

Deixando o Banco de Portugal de trocar as suas notas, é claro que todos fugiam de as receber tendo que dar troco em metal, o que trouxe graves embaraços pela difficuldade de arranjar trocos, que só findaram quando o governo auctorisou o Banco a emittir notas pequenas até 500 réis, e fazendo elle proprio estampar na Casa da Moeda cedulas de 100 e 50 réis. O povo acceitou, em geral, com a melhor vontade toda esta papelada; o regimen do papel estabeleceu-se sem difficuldade, e os metaes desappareceram da circulação, figurando apenas no giro algumas moedas de cobre de 20 e 10 réis, o que alliviou n'esta parte a crise interna no paiz.

Para attenuar, em parte, os effeitos da crise industrial, introduziram-se grandes alterações nas pautas das alfandegas, augmentando consideravelmente os direitos de muitos artigos de procedencia estrangeira, em beneficio dos fabricantes nacionaes, e detrimento dos consumidores, especialmente dos pobres, os quaes, como de costume, é que pagaram as diferenças dos effeitos da crise, tendo o publico que pagar por maior preço artigos de peior qualidade, fabricados em Portugal, incluindo até n'esse augmento os preços de alguns medicamentos, artigos de vestuario, productos alimenticios etc.

Quando a crise tomou o caracter mais agudo, já estava finda a epocha theatral em S. Carlos e pagos os honorarios dos artistas estrangeiros, de modo que a crise pouco affectou então a administração; mas, como se vê pelo esboço que fizemos, as causas que a produziram, continuando em grande parte a exercer a sua acção, a crise havia forçosamente de se prolongar, e portanto o agio do ouro tornando mais elevadas as quantias a pagar aos artistas, o theatro ficou ameaçado gravemente, e a empreza desde logo sob uma crise theatral, por então latente, mas que com effeito se manifestou no anno seguinte, logo que o governo julgou dever cessar com as concessões extraordinarias, a que não era obrigado, e a que durante os ultimos annos habituara os emprezarios, dando em resultado, como veremos, a queda da empreza.

(Continua) *Francisco da Fonseca Benevides.*

Casa do eminente orador sagrado Francisco Raphael da Silveira Malhão

A nossa gravura representa a modesta casa, situada na rua direita da villa d'Obidos, em que nasceu e morreu Francisco Raphael da Silveira Malhão, notabilissimo poeta e deslumbrante luminar do pulpito portuguez.

Sempre conservou esta casa aquella modestissima apparencia entre as outras suas visinhas, que tambem não primam pela belleza das vistas, nem pelas suas exterioridades.

Dividida em acanhados compartimentos tinha em um d'elles o egregio orador a sua bibliotheca, o seu piano, a sua meza d'estudo, onde passava a maior parte do tempo, já entregue á leitura dos nossos classicos e escriptores contemporaneos, já dedicando-se á musica, da qual era cultor apaixonado.

Com quanto lhe restasse pequeno espaço, era n'este gabinete que recebia d'uma maneira captivante e delicada todas as pessoas que o procuravam, sem distincção de classe, intimas e não intimas.

Foi alli que recebeu as visitas dos illustres estadistas, Rodrigo da Fonseca Magalhães, José da Silva Mendes Leal, João Gualberto de Barros e Cunha, a do grande reformador da Real Casa Pia de Lisboa, José Maria Eugenio d'Almeida, a d'outros vultos politicos do paiz, e frequentissimas vezes a do insigne folhetinista, Julio Cesar Machado, que nos seus escriptos pôz em evidencia e em relevo os variados conhecimentos, com que elle enriquecia a sua animada conversação, sobre os assumptos ainda os mais ligeiros, revestindo-os, como era seu costume, d'espirituosos ditos, para lhes dar maior realce, e imprimir-lhes accentuado interesse, com que muito se comprazia.

Amava, como poucos, o seu torrão natal. Jamais o abandonou. Se o dominava aquelle sentimento d'affecto que prende o coração humano ao lar domestico, não o preoccupava menos a educação litteraria dos seus conterraneos. Movido por tão louvaveis impulsos iniciou com desvelada e intelligente solicitude o derramamento da instrucção; e fêl-o com tão bons auspicios que em um periodo não muito longo da sua vida, posto que agitado de revoltas e luctas implacaveis, nos deu uma lista de discipulos que muito honraram o seu abalisado preceptor, — um dos mais pujantes e peregrinos talentos da nossa terra.

Lembraremos, entre outros cavalheiros, Paulo Romeiro da Fonseca, orador e parlamentar distincto, seu irmão Francisco Romeiro da Fonseca, abastado proprietario, do Sanguinhal, Joaquim Maria da Silva Freire, mavioso poeta e proprietario, Miguel Capistrano d'Amorim, já fallecidos, e José Paulo Garcia da Costa Penucho, funccionario muito habil, que ainda vive.

Por este acto do mais estreme patriotismo e de esmerado culto ás letras creou novas esperanças e um decidido incitamento ao estudo com o que muito se lisongeava, assim como nos fornece abundante margem para bem merecidos elogios a carta que dirigiu em 27 de março de 1860 a Antonio Feliciano de Castilho, em phrase eloquente e expressiva.

Eis os seus principaes trechos, inexcediveis de sinceridade: —[1] «Nunca fui n'esta terra, (Obidos), o que pode ser um padre: parocho, juiz d'irmandades, provedor da Misericordia, etc.

«Além d'alguns artigos, e poesias fugitivas pelos jornaes, só imprimi alguns *sermões*, uns *Serões de Aldeia* e uma *Aldeia Christã*, da qual sómente publiquei a primeira parte, e perdi as outras que já tinha preparadas.

«Eis aqui o que tinha a dizer, e á puridade!

«As muitas enfermidades que tenho soffrido tornaram-me uma velhice prematura. O tempo de minha vida militante está passado. Agora *solum mihi super est sepulchrum*.

«Quem não diz de si, (nem justamente quer que ninguem diga) senão o que se pode dizer sem que os outros se riam, não tem uma modestia hyper-philosophica, hyper-christã: é um homem que ama a verdade e a sciencia. Se alguem diz mais do que eu digo, sabe mais de minha casa, que eu.

«Remetto, pois, a v. ex.ª o inventario dos tarecos d'ella; não sonego nada».

. . . .

D'este inventario já nos occupámos n'esta «Revista» em os n.os 765 e 766. Mas como nos faltasse a descripção d'outras joias de inestimavel valor vamos completal-a, em rapido escorço.

— *A escolha das tres flores*: poemeto em quadras octosyllabas, cheio de tanta suavidade e elegancia, que um dos seus predilectos amigos o fez publicar no *Panorama* n.º 215 de 12 de junho de 1841.

— *A morte do pintasilgo*, poemeto dedicado a uma senhora das relações do inolvidavel poeta — (*Distracção instructiva*, pag. 14).

— *Commemoração necrologica* do fallecido Paulo Romeiro da Fonseca, publicada no *Diario do Governo*, n.º 245 de 18 de outubro de 1859, — pag. 1330 —, em que se reconhece, a par da sua robusta intelligencia, o coração evangelico do amigo, do mestre, d'aquelle, que encendido pelo santo amor da terra natal, dá um inequivoco testemunho da estima, que, em subido grau, consagra ao illustre finado, homem de costumes exemplares e muito distincto nas letras, sabendo, como poucos, honrar e illustrar o nobre ministerio de representante da nação.

As cãas e ruga senil. Nota appensa á traducção dos Fastos de Ovidio por A. Feliciano de Castilho, — (tom III, pag. 197 a 200), — bellas paginas em que o profundo escriptor Padre Malhão, com todo o ascendente do seu genio presta fervoroso culto á voz do passado, thesouro de longas e custosas experiencias, conjugando-o, em todas as suas manifestações, com o opulento colorido, que lhe imprime o Sulmonense.

Alem d'estas preciosidades tem algumas peças musicaes de subido merecimento.

Sendo um pianista eximio e compositor de talento revelou-se-nos, com extraordinaria e empolgante surpreza de seus amigos, um organista consummado, tanto mais que tendo-lhe, á hora de começar a festa do Orago, que constava de missa cantada a orgão, sermão e exposição do Santissimo, faltado o organista, que esperava de fóra, a pedido do Prior da egreja parochial de S. Pedro, visto ter-se despedido na ante-vespera da festa o organista d'esta egreja, o dr. Guilherme José Furtado, desembargador da Camara Patriarchal, com quem o Prior de ha muito não estava de perfeito accôrdo, não fez demorar, em cumprimento de sua palavra, esta substituição, indo elle mesmo tocar o orgão, pelo que foi muito felicitado e cordealmente abraçado.

Foi uma das festas mais brilhantes e d'uma enorme concorrencia de fieis.

As aptidões d'este incomparavel sacerdote eram complexas e variadas. Desenhava e pintava admiravelmente. Em tudo manifestava os prodigiosos recursos do seu felicissimo engenho.

Como orador fôi uma das maiores individualidades que Portugal, no seculo XIX, produziu na oratoria sagrada.

Em toda a parte, e principalmente nas festividades que se celebravam nos arredores da sua Thebaida, aonde ia, não pelo interesse que podesse auferir, mas porque tinha em grande conta o luzimento da festa e a devoção dos fieis, a magestosa presença do eminentissimo orador e o seu verbo eloquente tinha em si o extraordinario poder de tornar ainda mais apparatosas as solemnidades.

Sabendo que nas povoações ruraes eram feitas estas festividades pelo producto das esmolas em generos, ou em dinheiro, e pela venda das offertas que eram conduzidas procissionalmente ao templo, não houve logar em que não deixasse pégadas da sua devoção.

Ha um facto que nitidamente nos mostra o quanto por elle eram avaliadas as difficuldades financeiras com que muitas vezes luctavam os promotores das festas.

No logar da Dagorda, onde foi prégar na festividade de Santo Antonio, que, n'aquelle tempo, se fez com desusado apparato a ponto de se ter esgotado toda a receita, coube-lhe, em paga da sua brilhante oração, um dos maiores bôlos que havia no grupo das offertas! .

Affavel, bom e risonho para com todos agradeceu o *generoso* offerecimento do bôlo; e fitando-o, disse, na presença dos offerentes: «*Se por dentro tiveres a belleza exterior, que grande petisco para o prégador*?!...

A não ser nas circumvisinhanças da *sua patria amada* custava-lhe ir prégar por maiores que fossem os lucros offerecidos, independentemente dos quaes nunca deixou de cumprir religiosamente a devoção de acompanhar o cyrio até ao promontorio da Nazareth, onde, do alto da tribuna sagrada, patenteava, com todo o seu esplendor, os inexgotaveis thesouros do seu talento e erudição.

O seu retiro predilecto, e, por assim dizer, quasi diario, era na sua propriedade, que se compõe d'uma pequena casa, de construcção simples, e de terra de cultivo, denominada — *Tapa Regueiros* —, situada n'um lugar muito pittoresco, proximo da Villa d'Obidos, — propriedade que pelo seu local e pela salubridade dos seus ares lhe proporcionou momentos muito agradaveis, e, nos ultimos annos da sua vida, um suave lenitivo aos seus soffrimentos.

Mereceu-lhe este retiro os mais incessantes cuidados; e com tanta persistencia o frequentava, que elle, com muita graça, dizia: «que os seus amigos, por certo, lhe chamariam o *Magico do Tapa Regueiros*, mas antecipadamente dar-lhes-hia noticias suas assignando-se com este *titulo*, com a adopção do qual certamente não perigará a fazenda d'el-rei».

Por todas as paginas de sua obra se manifesta, d'um modo irrefragavel, a elevação moral do seu caracter, assim como se mantem viva a fama de suas virtudes.

> «A virtude louvada vive e cresce
> E o louvor altos casos persuade»
>
> *A. Ribeiro. — Poemas Lusitanos.*

É-nos grato registar o respeito, a estima e veneração que Miguel Capistrano d'Amorim professava á virtude e ao saber d'um dos homens mais distinctos da sua terra, ao seu mestre, pois que dominado por este sentimento nobre e levantado, e sob o influxo do poder que tinha, como auctoridade administrativa, conseguiu que a inhumação do cadaver d'este virtuoso sacerdote se fizesse á entrada da Egreja de S. Pedro, em campa raza, para memorar o local da sua ultima jazida, que tantas vezes, em vida, pisou, como beneficiado, e para evitar qualquer acto menos reflectido na remoção dos seus restos mortaes.

Honreamos as preclaras virtudes d'este glorioso poeta e erudito orador; e para perduravel memoria de tão prestigioso nome abra-se a conveniente inscripção n'esta campa, e, em seguida, como já tivemos occasião de lembrar, seja embutida na fachada da casa, em que elle habitou, uma lapide com a inscripção da data do seu nascimento e morte fazendo-se, em poucos traços, o esboço

[1] Vide o Diccionario Bibliographico — Supplemento — de Innocencio Francisco da Silva, pag. 366.

elogiativo d'este notavel vulto, que, pelos seus grandes exemplos de abnegação e altruismo, se impõe ás homenagens de todos os filhos da mui nobre e sempre leal Villa d'Obidos.

É este o seu mais excelso brazão.

Lino J. F. da Costa.

O INVERNO DE 1900-1

Quando, no artigo referente ao estio de 1900, dissemos que a suavidade da temperatura durante a estação calmosa faria prever um inverno frio e rigoroso, não nos enganámos.

O inverno de 1900-1 foi, com effeito, abundante quer em frios, quer em chuvas. O começo do anno annunciou-se, porém, com um tempo magnifico, brilhando o sol n'um céu sem nuvens, o qual nos mimoseou com uma temperatura ideal (+ 14°,6 em 1, 2 e 3 de janeiro).

Durante a noite de 4, o tempo começou refrescando sensivelmente, dando principio a um periodo chuvoso, embora de curta duração e pouca intensidade, até 11. A partir d'este dia, o tempo conservou-se irregular, com chuvas de 15 a 17, e sobretudo em 19, attingindo n'esse dia a altura pluviometrica 35^{mm},9. Tendo rondado o vento para nordeste em 23, melhorou de novo o tempo, o qual se conservou sempre fixo, com vento variavel de NE para NW até ao dia 30, em que houve viração para o WSW, notando-se um abaixamento enorme de temperatura, sobretudo em 31, cuja maxima observada n'esse dia, foi de 7°,6 e a minima de 2°,7, um dos dias de mais frio, de todo o inverno. Além da temperatura baixa d'esse dia, a chuva que cahiu insistentemente ainda mais incommodou os transeuntes. Parecia mais um tempo proprio dos climas do norte do que do nosso paiz, denominado, por inveja, pelos francezes, *le pays du soleil.*

Chegámos a Fevereiro que se annunciou tristonho e frio, tal como o fim do seu antecessor.

Eis os dias em que a minima thermometrica desceu abaixo de 5°:

Em 1 4°,8 — em 2 4°,3 — em 7 4°,2
» 8 2°,8 — » 9 3°,9 — » 15 3°,5
» 16 1°,2 — » 17 0°,8 — » 18 1°,5
» 19 2°,1 — » 22 2°,8 — » 23 2°,3

As maximas foram egualmente baixas. As menores foram:

Em 1 11°,3 — em 2 12°,6 — em 3 12°,1
» 4 12°,0 — » 5 12°,5 — » 6 e 7 11°,6
» 8 11°,2 — » 9 11°,6 — » 14 10°,8
» 15 11°,2 — » 16 7°,7 — » 17 8°,4
» 18 9°,7 — » 19 10°,7 — » 21 10°,8
» 22 7°,9 — » 23 10°,2 — »

Em todo o mez houve 17 dias de chuva que produziram 103^{m},5.

Os dias de maior chuva foram:

Em 10 13^{mm},0 — em 11 19^{mm},2
» 15 15^{mm},4 — » 20 10^{mm},1
» 27 13^{mm},7 — » 28 10^{mm},3

Os ventos predominantes foram: De 1 a 6, ventos do SW, de 6 a 11 do NNE, em 12 do SW, de 13 a 20, do NE, em 21 do SW, em 22 do NW, de 23 a 25 do NE, em 26, do NW e em 27 e 28, entre SW e NW.

A temperatura maxima de todo o mez foi de 15°,3, uma das mais baixas, e a minima, como dissemos, de 0°,8.

Desde 1896 que o thermometro não accusava entre nós, uma temperatura tão baixa (em 1896, Janeiro 12 min. 0°,5).

Durante o mez de Março, o estado do tempo foi, em Lisboa, o seguinte: Até 3, foram notadas pequenas chuvas vindas do NW. A partir d'este dia, porém, os primeiros indicios da primavera manifestaram-se com alta sensivel de temperatura e vento do quadrante NE, de 4 a 6. As maximas observadas n'estes dias, foram respectivamente de 16°,3, 17°,7 e 16°,7.

Em virtude da variação do vento para o NW, houve de 7 a 9, algumas chuvas e relampagos, tendo as trovoadas tomado maior incremento no norte do paiz sobretudo na Guarda e Serra da Estrella, onde, n'esses dias, cahiu chuva torrencial.

De 12 a 13, voltaram ainda alguns frios que permaneceram, embora com menor intensidade, durante todo o periodo chuvoso de 14 a 22, em que se registaram, em todo o paiz, chuvas extremamente abundantes e trovoadas.

Durante este periodo, as maximas thermometricas oscillaram sempre entre 12° e 15°, inferiores á normal.

Os dias em que se registou maior quantidade de chuva, foram:

Em 13 12^{mm},9 — em 16 25^{mm},8 — em 17 11^{mm} 9
» 18 13^{mm},7 — » 21 16^{mm},0

Tendo havido viração para o NE em 22, augmentou de novo, a temperatura, com bom tempo. As maximas em 23 e 24 foram respectivamente de 18°,2 (a maior de todo o mez mas relativamente muito baixa) e de 16°,7 (normal).

Uma mudança para o SW, em 25, em virtude de uma depressão dos Açores que invadiu a nossa costa, fez de novo voltar o regimen chuvoso até 27, embora com pouca intensidade.

Em 28 e 29, uma nortada limpou de novo a atmosphera, que, novamente se turvou em 30, com chuva torrencial do quadrante SE.

Eis, em breve resumo, o que foi o inverno de 1900-1, que, como se vê, foi acompanhado de violentas chuvadas e frios bastante intensos.

* * *

Para comparação com os invernos antecedentes, e á semelhança do que já fizemos, para o estio, vamos formular um quadro, onde especificaremos, a partir do inverno de 1879-80, o numero de dias em que o thermometro desceu abaixo de 5°. Pela analyse d'esse quadro, se verá o rigor que o inverno, este anno, apresentou em relação aos frios dos ultimos vinte annos.

Dias em que o thermometro desceu abaixo de 5°

Invernos	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Total
1879-1880	—	—	12	—	—	12
1880-1881	—	4	3	—	—	7
1881-1882	1	5	2	3	—	11
1882-1883	—	4	3	2	4	13
1883-1884	—	8	6	2	—	16
1884-1885	5	5	8	—	—	18
1885-1886	1	3	5	3	—	12
1886-1887	—	2	3	10	1	16
1887-1888	—	5	9	14	2	30
1888-1889	—	1	10	4	—	15
1889-1890	2	11	3	6	5	27
1890-1891	4	5	16	4	—	29
1891-1892	—	0	4	—	—	10
1892-1893	—	4	10	—	—	14
1893-1894	1	2	8	4	1	16
1894-1895	—	—	5	1	1	7
1895-1896	—	—	6	1	—	7
1896-1897	1	1	10	—	—	12
1897-1898	—	—	3	1	3	7
1898-1899	—	2	2	—	—	4
1899-1900	—	2	6	—	—	8
1900-1901	—	—	5	12	—	17

D'aqui se deprehende que só quatro invernos, durante um periodo de vinte annos, foram mais rigorosos do que este. É preciso, no emtanto, notar, que se compararmos o mez de Fevereiro d'este anno (12 dias em que o thermometro baixou a menos de 5°) com todos os outros do mesmo periodo, só no anno de 1887-8 é que este numero de dias foi maior.

No inverno de 1884-5, em que houve dezoito dias de temperatura inferior a 5°, o rigor dos frios cessou em Janeiro. Durante o inverno de 1889-90 os maximos frios observaram-se desde fins de Novembro a principios de Janeiro, embora se prolongassem pelo mez de Março. Em 1890-1, o rigor maximo foi em Janeiro.

* * *

As chuvas durante o primeiro trimestre de 1901 foram tambem abundantes.

Durante este periodo cahiram, em millimetros

	mm.
Em Janeiro	100,8
» Fevereiro	103,5
» Março	142,3
Total	346,6

No anno de 1900, registou-se no pluviometro do observatorio D. Luiz:

	mm.
Em Janeiro	50,4
» Fevereiro	152,7
» Março	37,3
Total	240,4

A mais em 1901

106^{mm},2

A quantidade de chuva que cahiu, durante o inverno passado, é egual a metade da media annual da chuva cahida em Lisboa.

1-4-901.

Antonio A. O. Machado.

FA SUSTENIDO

POR

Alphonse Karr

X

Hoje, disse o Barão, tenho quanto na mocidade desejei, dinheiro, honras, poder... e maçome! Perdi, perdi irrevocalmente o que quer que seja sem nome, certa aptidão para a ventura que já dentro em mim não sinto; de sorte que, invejado por tantos desde tantos annos, nenhuns momentos tive tão felizes, de tão puro gozo e tão completo, como o que me trouxe a lembrança tão verdadeira de minhas dôres passadas... Oh! que bella edade! accrescentou suspirando, em que até as mais crueis agonias teem encanto e poesia e os mais pungitivos desgostos teem a sua voluptuosidade, que assim sua lembrança ainda hoje nos arranca lagrimas!

Onde está a ventura facil da minha vida que foi? essa ventura cuja causa dentro em mim morava, tão completa na minha primeira infancia, quando andava atraz das borboletas no sanfeno côr de rosa e nas luzernas roxas?

Depois a amarga voluptuosidade dos primeiros symptomas do amor, formosa estação da vida, em que, como lilazes na primavera, a alma floresce e exhala uma atmosphera de felicidade!

Eram para mim uma riqueza, o sol, a erva sobre que me estendia preguiçoso, á beira do Rheno, sob os salgueiros azulados; uma riqueza o ar em que me dessedentava com sensualidade; uniam-se-me corpo e alma á nobre e imponente harmonia da natureza, de que apenas ouvinte agora sou!

E como então tambem eu era grande e nobre, e tinha uma alma altiva e elevada!

Quem sou eu hoje?.. que faço!... aonde vou?

Dei cabo da vida e da saude para ser rico e rodear-me de todas as maravilhas do luxo.

Mas, entre as tapeçarias carmesins que ornam as paredes da minha casa, quando foi que eu achei momentos de pura embriaguez como á sombra dos verdes cortinados que desdobrava a folhagem das nogueiras!

No meu leito de pennas, quando dormi como sobre o musgo dos mattos?

Valem estes tapetes a erva cravejada de pequeninos malmequeres brancos?

Deixaria eu toda a felicidade com o musgo, os cortinados e a coçada sobrecasaca de professor?

Ou foi um perfume que de mim se exhalava e que se dissipou?

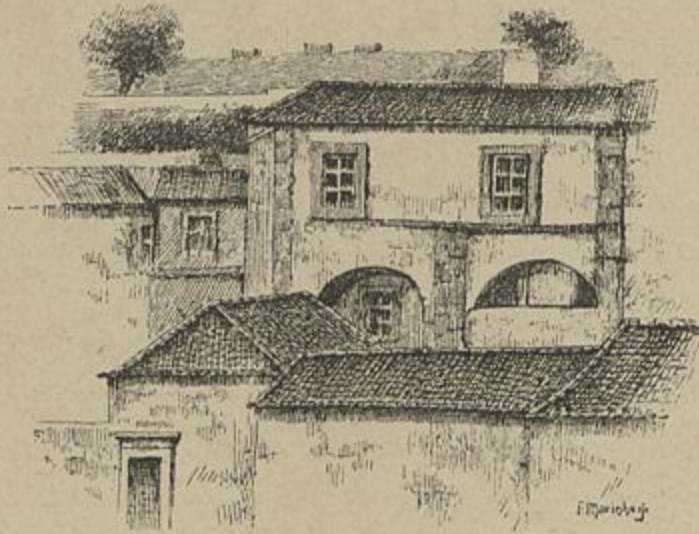
Falta-me um alvo na minha vida ou socego. Não vejo fito para onde caminhe. Sou rico, poderoso, invejado; tenho exactamente o numero de amigos e de inimigos que é preciso. Nada mais tenho a fazer.

Por uns instantes ainda esteve absorto, depois continuou, folheando os cadernos que percorrêra:

— Não, não atormentarei a minha vida para conquistar o que, bem o sinto, nenhuma alegria me póde já trazer.

Não! não! ha muito que não era tão feliz como agora, ao reler estas notas.

A'manhã irei evocar lembranças, revendo o rochedo de Loreley, Ober-Wesel com seus campanarios gigantes, e o Rheno cujas ondas muito juntas tão rapidamente levavam o meu barco.

E o valle formoso rodeado de rochedos cujos eccos tanta vez repetiram o nome de Branca, e no cume as mattas antigas onde o vento baloiça a verdura sombria; tudo isso irei ver, e a casa em que fui mercenario e a casa onde Branca morou.

CASA ONDE NASCEU O ORADOR MALHÃO EM OBIDOS
(Desenho do natural pelo dr. José A. Sousa)

XI

No dia seguinte, Conrado avisou que estaria fóra umas vinte e quatro horas. E nunca mais voltou.

Foi-lhe impossivel desprender-se das sensações suavissimas que foi encontrar nos mesmos sitios onde deslisára sua mocidade; tanto nas veias sentia correr mais quente e rapido o sangue, a cada nova saudade que uma arvore, um vallado, uma rocha, um tapete de erva lhe traziam, que disse comsigo:

—Para a frente nada a vida me offerece, arripio a carreira, reviverei das minhas saudades, aqui me deixo ficar.

Já não havia a casa de Branca e outras haviam sido edificadas no mesmo sitio.

Mas o que elle tornou a achar foi o valle n'aquella rocha, onde á tarde, ás vezes, se avistava com Branca.

Chamou-a, e os eccos repetiram-lhe o nome; mas olhou em volta com medo não fossem ouvil-o. Já não estava na edade em que se cuida o mundo e toda a natureza interessados pelas nossas alegrias ou dôres, em que se cuida que tudo o que nos enche o coração deve por todos ser respeitado, em que se vive no meio d'um meio ficticio de que nos julgamos centro.

Quiz sósinho descer o Rheno n'um barco, por defronte d'aquelles rochedos, a que os barqueiros fazem repetir o nome de Loreley, a fada do rio, e a que elle só fez repetir o nome de Branca. Mas á noite corpo e membros sentia-os quebrados, já não tinha braços e pernas promptos a tudo e vigorosos como d'antes; esbofava-se ao subir ao menor penedo. Quiz ir apanhar um d'aquelles ramos de pilriteiro, que, uma vez, por causa de Branca, lhe haviam rasgado as mãos, e em que então só uns botõesinhos verdes, um tanto rosados, appareciam nos ramos nus. Escorregou-lhe um pé e, olhando para baixo, o abysmo que viu fêl-o empallidecer.

—Não importa, disse; aqui me deixo ficar.

Uma manhã, passando á beira do rio, chegou a um sitio, d'onde, n'um relance d'olhos, podia ver todos os logares que lhe inspiravam saudades; atravessou o rio e, dois dias depois, pertencia-lhe uma bella propriedade, restos do velho solar de Schœnberg.

XII

Eis o que se conta do velho solar de Schœnberg:

Nos tempos da cavallaria havia n'aquelle solar sete irmãs de rara formosura, chamadas as sete condessas.

De todas as partes do mundo chegavam barões, condes, conselheiros e fidalgos, que vinham admiral-as, procurando brilhar na côrte e obter de qualquer d'ellas um olhar favoravel. Eram tudo torneios e festas. As irmãs não pensavam senão em divertir-se e por seus artificios prender junto d'ellas os cavalleiros, que tanto porfiavam por agradal-as. A todos davam esperanças e cada pretendente se julgava mais feliz que seus rivaes.

Mas o accordo pouco durou: desavieram-se os cavalleiros, combateram uns com outros, e foi horrivel a matança. No dia seguinte as sete condessas desappareceram e não voltaram; mas no Rheno perto de Ober-Wesel, appareceram pela primeira vez sete escolhos, que as vagas ora desmudavam, ora enchiam de espuma. Eram as sete irmãs que Loreley, a fada do rio, havia transformado em pedras.

Quem tiver duvidas sobre a tradição vá vêr as pedras que lá estão ainda. Olhem que a maior parte das coisas em que acreditamos não teem melhor razão de ser.

XIII

Mal assignou o contracto de compra, logo o Barão percebeu que tinha feito uma asneira.

Não era no sitio que o sedusira que elle devia de morar; era defronte para poder vêl-o, era nas rochas nuas de que Ober-Wesel se avistava perfeitamente e o rochedo a que a aldeia se encostava e a folhagem movediça que o rochedo havia de coroar no mez de junho.

Durante alguns dias, continuou em seus passeios pelos arredores; mas um horroroso cançasso veiu-lhe provar que perdêra mais do que pensava. Lembrou-se então de juntar no recinto do mesmo parque todos os seus *monumentos*.

Lembrou-se da casa de Branca, desenhou a planta e mandou-a construir; lembrou-se tambem do taboleiro de relva que havia defronte da porta e mandou ao jardineiro que fizesse um egual.

Pediu-lhe tambem pilriteiros; malmequeres e as taes florinhas azues; não esqueceu as nogueiras detraz das quaes se atrevêra a apertar a mão de Branca.

E tambem miosotis.

XIV

Quanta vez, quando, em manhã de outomno, sabe tão bem passear pelo campo, de espingarda ao hombro, avistamos no horisonte um lago immenso! Continuamos a andar e, chegando ao ponto em que vimos o lago, caminhando sobre a relva, só vemos uns vapores que exhala a terra; mais longe, se olhamos para traz, tornamos a ver o lago com sua superficie sem uma ruga.

É assim a vida. Morria-se de desespero, quando se descobre que quanto se tomou para alvo de pensamentos, desejos, sonhos, não existe ou não é mais que nevoeiro, a que dá formas fantasticas a distancia. Mas, como é preciso andar, porque se é arrastado pela vida, vem tempo em que, voltando-se a gente, torna a ver os mesmos prestigios, e, até ao cabo do caminho, vai-se deitando de tempos a tempos um olhar de adeus para o que se julgou ter possuido; n'isto se resume a vida no que da não é, no que já não é — desejos e saudades.

Por isso com que afinco nos agarramos ás minimas lembranças! Que influencia conservam sobre nossa alma uma melodia pallida para os outros, certos aspectos do céo, a flôr que outros pisam aos pés, cheios de indifferença!

Isto lhes explicará simultaneamente a mania que deu em Conrado e o nosso porfiar em falarmos d'essas florinhas de petalas azues como o céo pallido, de folhas de verde-escuro, que crescem á beira dos tanques e dos rios e que, com o pésito n'agua, seguem o movimento das pequeninas vagas que o menor sopro do vento empurra para a margem.

(Continúa.)

GENERAL WENCESLAU TELLES

FALLECIDO EM 15 DO CORRENTE

NECROLOGIA

GENERAL WENCESLAU TELLES

A morte poupou-o nos inhospitos climas da Africa para o derrubar agora, no seio da familia quando parecia escapo da doença que o acommettera. Ainda não havia muito que chegara de Moçambique, para onde partira, em setembro do anno passado, commandando a expedição militar que foi reforçar a guarnição d'aquella provincia, em consequencia da guerra do Transvaal.

Foi esta uma das commissões mais importantes que desempenhou na sua carreira militar, alem de outras, de que mencionaremos a de commandante da Escola Pratica de infanteria, em Mafra.

Wenceslau José de Sousa Telles, nasceu a 31 de agosto de 1837 e sentou praça em 1 de agosto de 1851, sendo promovido a alferes de infanteria em março de 1861, seguindo postos, na mesma arma até o de general de brigada a que foi promovido em 25 de maio de 1900.

Espirito muito illustrado, foi escriptor distincto, deixando muitos escriptos seus sobre assumptos militares em revistas da especialidade.

Além de varias distincções honorificas que lhe foram conferidas, era ajudante de campo honorario d'El-rei D. Carlos. Ultimamente commandava uma das brigadas da divisão militar de Lisboa.

A morte do general Wenceslau Telles, foi uma grande perda para o exercito portuguez de que elle era um dos seus mais distinctos ornamentos.